

Modalidade do trabalho: Ensaio teórico

Evento: XXI Jornada de Pesquisa

TRÊS POSSÍVEIS VIAS PARA A FORMAÇÃO CIDADANÃ NA ESCOLA¹

José Carlos Da Silva Telles², Martin Kuhn³.

¹ Texto escrito a partir de discussões da disciplina “Ética e Formação” do Mestrado em Educação nas Ciências - Unijuí.

² Mestrando em Educação nas Ciências - Unijuí.

³ Doutor em Educação nas Ciências - Unijuí.

Introdução

O debate sobre o tema cidadania é uma constante no contexto escolar, isso em certa medida se deve em função de sua menção recorrente nos documentos oficiais e legislação brasileira que regulam a educação. Mas a reflexão sobre educação e cidadania não é nova. Desde os gregos interroga-se sistematicamente sobre qual a finalidade da educação ou sobre que ser humano formar. A paidéia grega ocupa-se da formação dos indivíduos orientada pela norma da comunidade e, dessa forma, ocupa-se da formação do indivíduo para a vida na cidade ou para a participação da vida pública.

Nesse sentido, a educação é voltada à formação de cidadãos para a vida coletiva, para o âmbito do espaço público. A formação assume ou volta-se à vida coletiva como princípio. Ocorre aqui uma batalha entre indivíduo e sociedade, pois a educação não se dirige ao atendimento de projetos individuais, mas se volta à formação de homens para o mundo comum, para a república. A formação para a vida política, para a vida na cidade, ou a formação de cidadãos, é o sentido da paidéia grega.

A discussão que se realiza neste texto diz respeito à escola como instituição formadora das novas gerações. Desse modo, partimos do pressuposto de que a escola é uma instituição social que se ocupa da formação de cidadãos, ou ainda como tempo/espaço fomentador da cidadania.

A partir disso, estabelecemos como questão norteadora desse trabalho a seguinte indagação: por quais vias a escola se constitui em espaço/tempo de formação de cidadãos?

Metodologia

A presente discussão, trata de uma pesquisa qualitativa, em que será realizada a revisão bibliográfica dos seguintes autores: Kant (1999), Hermann (2014), Marques (1989), Young (2007) e Savater (2008). Esse arcabouço teórico nos direciona a uma postura interpretativa em relação a educação, no sentido de possibilitar a reflexão em torno das possibilidades de desenvolvimento da cidadania na escola.

Cidadania pela via do conhecimento

A tarefa primordial da escola é constituir-se em espaço/tempo de acesso ao conhecimento, e é essa a primeira via para a cidadania. Para que servem as escolas? Essa é a pergunta feita por Michael Young acerca do sentido da escola. A que ele responde: “é que elas capacitam ou podem capacitar jovens a adquirir o conhecimento que, para a maioria deles, não pode ser adquirido em casa ou em sua comunidade, e para adultos, em seus locais de trabalho” (2007, p. 1294). Para ele o currículo escolar deve se ocupar de assegurar aos alunos o “conhecimento poderoso”. Conhecimento poderoso é aquele que não está disponível em casa. Trata-se do conhecimento especializado.

Modalidade do trabalho: Ensaio teórico

Evento: XXI Jornada de Pesquisa

“Assim, as escolas acabam precisando de professores com esse conhecimento especializado”, se o objetivo das escolas é “transmitir conhecimento poderoso, as relações professor-aluno acabam tendo características específicas em virtude desse objetivo”.

Dessa maneira, Young (2007) propõe que pensemos sobre o conhecimento e como se diferencia o conhecimento próprio do espaço formal, ou seja, a escola, do conhecimento do espaço não escolar. Para tanto, aponta dois tipos de conhecimento o que é dependente do contexto e o segundo independente de contexto ou conhecimento teórico. O primeiro “se desenvolve ao se resolver problemas específicos no cotidiano”, que tanto pode ser prático quanto procedimental. “O conhecimento dependente de contexto diz a um indivíduo como fazer coisas específicas” (Ibidem, p. 1296). Já o segundo tipo “é desenvolvido para fornecer generalizações e busca a universalidade. Ele fornece uma base para se fazer julgamentos e é geralmente, mas não unicamente, relacionado às ciências” (Ibidem, p. 1296). Esse seria o conhecimento que se constrói no espaço formal da escola e o autor denomina de conhecimento poderoso.

O conceito de conhecimento poderoso “não se refere a quem tem mais acesso ao conhecimento ou quem o legitima [...], mas refere-se ao que o conhecimento pode fazer, como, por exemplo, fornecer explicações confiáveis ou novas formas de se pensar a respeito do mundo” (YOUNG, 2007, p. 1294). E para isso o professor tem papel fundamental, pois não é possível que haja conhecimento poderoso se não houver intencionalidade, sistematicidade na ação docente. Nesse sentido, há uma aposta dos pais na escola, pois é nela que seus filhos poderão se apropriar de conhecimentos que poderão fazer diferença em seus modos de ler e ser no mundo. Nesse sentido, “há uma ligação entre as expectativas emancipatórias associadas à expansão da escolaridade e a oportunidade que as escolas dão aos alunos de adquirir o “conhecimento poderoso”, ao qual eles raramente têm acesso em casa” (Ibidem, p. 1300-1301).

Cidadania pela via da socialização

O acesso ao conhecimento é, sem dúvida, a primeira via potencial da escola constituir-se em espaço fomentador de cidadania. Contudo, a escola é, também, o espaço privilegiado de socialização secundária e, por esta via, a compreendemos como potencialmente formadora para a cidadania. Marques (1995, p. 94) reconhece que a “intersubjetividade constitui os sujeitos em abertura um ao outro, em relações não-objetivas, mas criativas, constitutivas do ser pessoa, ser de frente ao outro”. Afirma-se o eu, mas sempre na relação com o outro. Nesse sentido, a escola é o espaço privilegiado de encontro entre eu e outros, onde aprendemos a conviver.

Nesse sentido, em sua discussão sobre ética e educação Hermann (2014, p. 151), aponta para a possibilidade do diálogo como abertura ao outro: “sobretudo, uma disposição para ouvir e construir um mundo comum. A experiência humana da docência inclui o entender-se o desentender-se uns com os outros, e pode recuperar a forma originária de experiência dialógica entre mestre e discípulo”. Assim, fundamentalmente uma relação educativa, de encontro de alteridades, de diálogo, pode se constituir em espaço/tempo de aprendizagem, de convivência para o mundo comum. Reitera ainda que “o diálogo só é possível porque há um outro, uma diferença, um interlocutor radicalmente distinto com qual mantemos uma conversação e, nesse processo, nos transformamos”.

Sob essa perspectiva, Savater (2008) alerta sobre a centralidade da escola na negociação de sentidos que pode assumir na formação dos novos, em contraposição a outros espaços sociais. É pertinente,

Modalidade do trabalho: Ensaio teórico

Evento: XXI Jornada de Pesquisa

dessa forma, reconhecer que a escola é o lugar privilegiado de encontro, da convivência da diferença, da diversidade e da pluralidade. Gênero, raça, etnias, deficiências, credos, percepções políticas, ideologias, estão todos (as) presentes no âmbito da sala de aula da escola pública.

Desse modo, os problemas sociais que perpassam a vida da escola e dos estudantes, se forem considerados como questões da vida pública/política/econômico/social/cultural já que atravessam o universo fático dos estudantes, permitem pensar a escola como espaço/tempo de formação cidadã.

A cidadania pela via da formação ética e moral dos novos

Entendemos que além da formação intelectual e da socialização, é também tarefa da escola se ocupar da formação ética/moral e estética das novas gerações. “Tal postura exige uma abertura para vivências que não se estruturam apenas pela dimensão cognitiva dada por orientações normativas; ao contrário, envolve a sensibilidade e as emoções, as forças vitais, a liberação da imaginação e da corporeidade” (HERMANN, 2014, p. 23). A questão é pensar a partir de que referências a escola educa as novas gerações?

Ao longo da história tivemos muitos terceiros: a natureza, os deuses, Deus, os mitos, a ciência, a república, o mercado, etc. Nessa perspectiva é provocante a discussão de Dufour (2005, p. 26), “quais são os efeitos, para o sujeito, do desaparecimento dessa instância que interpela e se dirige a todo sujeito, à qual ele deve responder e que a história sempre conheceu e colocou em operação, notadamente através da escola?”. Assim posta a interrogação, apresenta-se como um enorme desafio à escola e aos educadores pensarem referências para a formação dos novos.

Uma referência para Kant é a disciplina que tem por finalidade submeter “o homem às leis da humanidade e começa a fazê-lo sentir a força das leis” (1999, p. 13). Para o autor, “quem não tem disciplina ou educação é um selvagem” (Ibidem, p. 16). Em sua compreensão, “a falta de disciplina é um mal pior que falta de cultura, pois esta pode ser remediada mais tarde, ao passo de que não se pode abolir o estado selvagem e corrigir um defeito de disciplina” (1999, p. 16). Assim, tanto na socialização primária (família) e secundária (escola), cabe aos adultos da relação definirem o projeto dessas gerações em formação. O Mercado, o Consumo, a Televisão, certamente não são bons indicativos para dar as balizas na formação desses novos sujeitos e identidades. Tedesco (2002, p. 78) nos alerta que no contexto pós-moderno o reforço do local ou a “forte coesão cultural está associada à intolerância, encapsulamento”, enquanto a ausência de referências leva à “anomia, à dissolução e desvinculação social”. De certo modo, há uma crise de referências. Assim, “A formação ética torna-se, então, um requisito central da formação cidadã” (Ibidem, p. 82).

Conclusão

Assim, nessa discussão que em que tivemos como pressuposto a escola como um lugar de formação de cidadãos, discorreremos sobre as possíveis três vias que a escola pode tomar para formação para cidadania. Pela primeira via a do conhecimento, entendemos que esse empodera os sujeitos, o que permite que eles desenvolvam novas formas de pensar o mundo e assim transformar sua realidade.

Pela via da socialização, que compreende o reconhecimento da diversidade, dos muitos outros que habitam a escola, abre-se a possibilidade de conviver com o plural e o diverso. E por fim, a formação para a cidadania pela via da ética e da estética ou acerca da possibilidade de vivermos em um mundo comum deliberado por nós a partir de referências e princípios normativos que

Modalidade do trabalho: Ensaio teórico

Evento: XXI Jornada de Pesquisa

ponderamos razoáveis para a vida em comum, fundamentalmente, conectadas com sensibilidade e as emoções, as forças vitais que movem os investimentos humanos.